

VILÉM FLUSSER

Certos assuntos se prestam a infinitas variações, e são portanto retomados, com regularidade exasperante, em conversações repetitivas. Futebol, política nacional, mulheres e empregadas são exemplos desses assuntos. Creio que a regularidade da ocorrência desses assuntos pode ser calculada por computadores. Estes assuntos são submetidos a variações, mas não são desenvolvidos. O que muda nas variações são apenas os nomes próprios, mas a sua estrutura continua rigidamente fixa. Substituindo "Pelé" por "Garrincha", "Jango" por "Janio", ou "Maria" por "Benedita", não teremos modificado a informação das conversações, e substituindo esses nomes próprios por símbolos como "x", teremos verificado que essa informação é nula. Trata-se, neste tipo de conversação, de um rito. Pessoas se reúnem, periodicamente, para trocar sentenças rigidamente préfiguradas, ("constantes"), nas quais aparecem nomes próprios substituíveis, ("variáveis"). A falta total de surpresa que é o clima dessas reuniões atesta existencialmente a falta total de informações nessa troca. (A surpresa é a medida existencial da informação contida numa sentença, já que uma sentença é tanto mais informativa, quanto maior a surpresa que me causa). Surge portanto o seguinte problema: Por que se reúnem pessoas, periodicamente, para participar desse rito? Será uma espécie de festa a festejar o tédio cotidiano? Será uma espécie de jogo, uma variante dos jogos de baralho? Será um mecanismo social destinado a fortificar a estrutura da sociedade? Todas essas perguntas, (e outras imagináveis), terão por consequência "explicações" do tipo de conversação ao qual estou aludindo. Mas o presente artigo pretende formular uma pergunta ligeiramente diferente. É esta: Sabendo muito embora da ociosidade dessas reuniões, e da futilidade dessas conversações, porque participo delas? E a resposta será a seguinte: para desconversar outros assuntos, para evitar que outros assuntos surjam a tona. Participo desse tipo de conversação porque é um tipo de desconversação de assuntos perigosamente latentes.

A conversação é uma arte. No iluminismo alcançou um estágio de perfeição nunca mais reconquistado. A Revolução francesa devastou essa arte. Substituiu a conversação pelo discurso. Com efeito: esta é uma das consequências mais significativas da Revolução, a de ter esticado o círculo gracioso da conversação na flexa brutal do discurso. Comparem a conversação que girava num "cercle" de uma marquiza com um discurso de um advogado diante da Assembleia. Na conversação o assunto rola, suavemente, em redor da mesa, impellido, elegantemente, pelo "ésprit" dos participantes. No discurso o assunto se precipita, violentamente e qual avalanche, do púlpito em direção da plateia, propellido pelo "élan" do agitador, e pelo seu próprio peso. A língua mudou de estrutura, ao se ter transformado o círculo da conversação na reta do discurso. A partir do romantismo perdeu a civilização ocidental a capacidade de conversar assuntos. O pensamento tornou-se discursivo. Assumiu um caráter vetorial, tendencioso, agressivo, progressivo e histórico, exemplificado pelas ciências do século

### VILÉM FLUSSER

as do século 19. Os assuntos doravante se desenvolvem, ramificam, espalham, em suma: discorrem. Perderam o seu centro, em redor do qual antigamente giravam. Com a superação do "ancien régime" perderam todos assuntos o seu centro gravitacional, isto é perderam a sua gravidade. Nenhum assunto é grave. Todo assunto discorre, isto é: decai e dirige-se rumo ao abismo. Ultimamente podemos comprovar esse fato formalmente, pela análise estrutural do pensamento discursivo.

Os últimos restos da conversação, destroços melancólicos e bárbaros de uma arte perdida na praça da Bastilha, são as reuniões que mencionei no início deste artigo. São como que ilhas de conversação na cachoeira de discursos que nos arrasta. Nelas o espírito descança do progresso. São anacronismos. Podemos imaginar perfeitamente um estágio futuro do progresso, no qual toda conversação terá sido superada. Nesse estágio futuro a humanidade estará transformada em auditório exposto a discursos. É o que de fato acontece já atualmente naqueles lares nos quais a televisão domina a cena. A vacuidade da conversação, a sua falta de informação, e a simplicidade rígida da sua estrutura, são sintomas de senilidade. Com efeito, a televisão vem apenas preencher, com os seus discursos altissonantes e altibrilhantes, o vácuo aberto pela conversação moribunda.

Pois esta é a situação na qual nos encontramos: Assuntos se precipitam em quedas discursivas de todos os lados e enchem o ambiente com a sua espuma. Estamos lançados em multiplicidade imensa de assuntos, e todos eles tendem a decair no abismo da futilidade. E existem ilhas de conversação, roidas constantemente pelos discursos, nas quais giram sentenças que carecem de informação, e cujo assunto é portanto pretexto. Periodicamente emergimos dos discursos para cairmos, exaustos, nas praias desoladas das ilhas. Temos portanto, na realidade, apenas dois tipos de assunto. Os assuntos dos discursos, (que são aqueles que evoluem rumo à contradição e à tautologia), e os assuntos da conversação, (aqueles que são pretextos). E o progresso, este sinônimo do discurso, eliminará os pretextos. Esta é a nossa situação, se vista superficialmente. E a minha pergunta "Porque participo de conversação?" terá, deste ponto de vista superficial, a seguinte resposta: "Para desconversar os assuntos dos discursos."

Mas uma consideração mais atenta da nossa situação revelará um aspecto diferente. Revelará que existe, além da conversação e do discurso, um terceiro movimento da língua. É um movimento que se dá no interior da mente. Chamemo-lo de "meditativo". A meditação é um redemoinho no fundo do poço da mente, no qual se revolve o chão lamacento em busca de clareza. O chão lamacento é o assunto desse movimento. O assunto da meditação, quando articulado, adquire a forma das seguintes perguntas: "De onde venho? aonde vou? e para que tudo isto?" Eternamente gira este assunto em busca de esclarecimento. Gira eternamente, porque não tem resposta, a não ser esta: "Venho de não sei onde,

vou **VILÉM FLUSSER**  
 ao encontro da morte, e tudo isto não tem sentido". Esta pergunta e esta resposta são o assunto da vida. A meditação é o movimento da língua que trata do assunto da vida.

Qual é a relação desse assunto com os assuntos das conversações e dos discursos? Creio que, ao formularmos esta pergunta, estamos indagando por uma explicação do fenómeno chamado "cultura". Estamos perguntando, com efeito: "que respeito dizem todos esses assuntos que me cercam ao meu assunto?" Esses discursos todos das ciências, como me dizem respeito? Essas conversações todas, das quais participo, em que me tocam? Ajudam para esclarecer o meu assunto? Explica a ciência, (ou a arte, ou a filosofia), de onde venho, aonde vou, e para que tudo isto? O meu contacto com os outros, a conversação, esclarece ele as minhas perguntas e dá ele significado a minha vida? Não, a função da cultura é inteiramente diversa. Serve para fazer esquecer o meu assunto. Todos estes discursos e todas essas conversações, cuja totalidade se chama "cultura", têm esta única finalidade: desconversar o meu assunto. A cultura é uma única gigantesca desconversa. O homem é um ser que cria cultura, para fugir da meditação, e para não encarar o seu assunto. O homem é o único ser que sabe da sua morte. Este saber é insuportável. Para poder suportar o insuportável cria o homem cultura. O homem é um ser que se desconversa.

Toda a distinção laboriosa entre discurso e conversação que elaborei neste raciocínio perde, sob este ângulo, seu significado. Discurso e conversação são as duas espécies do género "desconversa". Existem dois movimentos da língua: meditação e desconversa. Há diferenças formais entre o discurso que tem por assunto o mundo dos astros, e a conversação que tem por assunto o futebol, e essas diferenças são consideráveis. Mas a função das duas desconversas é a mesma. Esta descoberta, quando feita não apenas intelectualmente, mas existencialmente, é desesperadora. Mergulha a mente naquela recusa de participar das conversações e dos discursos que caracteriza tantos na atualidade. É preciso superar esse desespero. É possível fazê-lo. Dedicarei o resto deste artigo à discussão dessa possibilidade.

As conversações do tipo que tem por assunto o futebol são fúteis, porque giram em ponto morto. Os discursos do tipo que tem por assunto o mundo dos astros são fúteis, porque resultam em algo, (por exemplo teorias astronómicas), que não diz respeito ao meu assunto. Trata-se de dois tipos diferentes de futilidade. Em que reside esta diferença? O participante da conversação procura a futilidade. O astrónomo procura negar a futilidade. A conversação que tem o futebol por assunto afirma o absurdo. A astronomia nega o absurdo. A conversação é positiva, o discurso é negativo. A conversação gira, porque se rende. O discurso se projeta, porque se rebela. Temos portanto, na realidade, três tipos de pensamentos, e três tipos de cultura. O pensamento meditativo, que resulta em cultura interiorizada. O pensamento conversacional, que

VILÉM FLUSSER

resulta em cultura submissa. E o ~~mesmo~~ pensamento discursivo, que resulta em cultura rebelde. A nossa é uma cultura rebelde. O pensamento ocidental é discursivo. As épocas da nossa história nas quais predominava a conversação, (como o é o iluminismo), são épocas que traem o Ocidente. Resultam em futilidade deliberada, e o estilo do Rococó o demonstra. As culturas meditativas do Oriente são inacessíveis, dada a estrutura discursiva do nosso pensamento. Estamos empenhados, pela estrutura do nosso pensamento, na cultura rebelde. Temos, com efeito, apenas duas escolhas: render-nos em conversação, ou rebelar-nos em discurso. E por isto que somos invadidos pela sensação da traição ao pensamento, quando participamos de conversações, em vez de discorrermos. E essa sensação é tanto mais forte, quanto mais se evidencia na conversação a sua futilidade deliberada.

Mas o mergulho para dentro do pensamento discursivo, (que é o nosso "engagement"), é uma falsidade, se não estivermos plenamente conscientes que estamos mergulhando em desconversa. É uma falsidade se pretendermos que esse "engagement" não é fútil. Se admitirmos, no entanto, a futilidade do nosso empenho, e se nos empenharmos a despeito disto, creio que estaremos sendo homens. Pois é esta a condição humana: desconversar conscientemente o próprio assunto. E esta atitude, digna a meu ver, é a atitude da ironia. Na ironia o homem supera o seu assunto, porque brada o seu "não!" em sua face. Diz, com efeito: Não sei de onde venho, aonde vou, e para que tudo isto. E sei que apenas isto interessa. Pois façamos astronomia. Desconversemos o assunto que interessa. A ironia supera o desespero.

A conversação, e mais especialmente a conversação atual, é indigna, porque lhe falta ironia. A indignidade da conversação que tem por assunto o futebol está na sua seriedade. O discurso disciplinado é digno, se e quando conserva a sua distância irônica para com o seu assunto. O empenho na cultura é digno, se e quando conserva ironia. Sei que "empenho" e "ironia" são conceitos contraditórios, mas contraditória é também a condição humana. E nesta contradição se esconde, pois, a superação do desespero: desconversemos.